IMAGEM: YARA MITSUSHI

ENSAIO

Estudos Culturais

A cultura tornou-se, nas últimas décadas, um conceito presente nas mais diversas áreas do conhecimento e da prática. Para estudar suas várias dimensões e implicações, surgiu nas universidades norte-americanas a área de Estudos Culturais. Neste ensaio, **Daniela Sandler**, arquiteta e colunista do *Digestivo Cultural*, analisa os principais focos de interesse e as características da área, e mostra como ela pode contribuir para o desenvolvimento de abordagens críticas e inovadoras sobre os fenômenos associados à cultura.

Cultura é um termo de definição difícil e vaga. Talvez por isso mesmo a palavra seja ubíqua: associada a atividades tão diversas quanto investimentos, urbanismo, informação, lazer e educação. Fala-se em “Corredor Cultural da Luz”,

Lei de Incentivo à Cultura, gestão cultural, patrimônio cultural. No conceito amplo cabe tudo: atividades artísticas como pintura ou teatro, manifestações folclóricas e populares, práticas sociais e entretenimento. A flexibilidade do concei-

to é útil, permitindo que a idéia se adapte a contextos diferentes. Por outro lado, a indefinição permite disfarçar usos políticos ou econômicos sob a aparência neutra do termo: afinal, quem é contra “cultura”?

Destrinchar essas ligações é essencial para que os usos da cultura beneficiem a todos de modo democrático e plural. Tal abordagem crítica motiva ativistas, jornalistas e – como tema deste texto – pesquisadores acadêmicos. A tarefa no campo teórico é múltipla: examinar a função da cultura na sociedade contemporânea; redefinir o próprio conceito de cultura diante de transformações históricas; e desenvolver uma metodologia de pesquisa rigorosa e adequada. Disciplinas tradicionais, como história, literatura, sociologia e economia, têm incorporado “cultura” a seus temas de estudo. Ao mesmo tempo, um campo novo e interdisciplinar vem integrando contribuições dessas disciplinas e desenvolvendo uma linha própria: os chamados *cultural studies* (estudos culturais).

Os estudos culturais, como todo campo novo, são encarados com entusiasmo desmedido de um lado ou com vilipêndios preconceituosos de outro. Nas duas últimas décadas, uma enxurrada de conferências, livros, *journals* e eventos acompanhou a criação de departamentos e programas universitários, em especial nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Austrália. Com o sucesso, há resistência imensa – que é de se esperar, não apenas com todo novo campo investigativo, como também pela “rebeldia” intrínseca dos estudos culturais.

Estudos indisciplinados. “Estudos culturais” não é uma disciplina. São mesmo antidisciplinares, recusando a divisão artificial do mundo em fatias metodológicas ou temá-

Os Estudos Culturais, como todo campo novo, são encarados com entusiasmo desmedido, de um lado, ou com vilipêndios preconceituosos, de outro.

ticas e ressaltando a ligação entre fenômenos econômicos, políticos, sociais e estéticos. As encarnações institucionais dos estudos culturais refletem essa abertura, abrigando pesquisadores de formações diversas: filosofia, letras, história da arte, cinema e comunicações.

Em sua origem, os estudos culturais estavam ligados à sociologia e se opunham à abordagem tradicional das obras literárias (análise de estilo, interpretação de conteúdo e biografia de autor), julgada apolítica. A perspectiva sociológica pretendia investigar a relação entre literatura e sociedade: a função social de obras literárias, sua dimensão política e a influência de contextos históricos sobre os autores.

Essa postura é engajada. Visa não apenas à crítica a sistemas de dominação (perpetuados, por exemplo, em livros cuja influência no comportamento das pessoas é eficaz justamente por ser “invisível”) como também à atuação social, difundindo literatura entre classes desfavorecidas ou revelando e celebrando manifestações populares.

Uma questão de classe? Os estudos culturais surgiram na Inglaterra da década de 1960, local e época em que a divisão de classes era marcada. O trabalho pioneiro do Centro de Estudos Culturais da Universida-

de de Birmingham, com destaque para Stuart Hall e Raymond Williams, ganhou atenção. Mas a polarização socioeconômica entre *high* e *low* logo seria transformada por novos movimentos migratórios (indianos para a Inglaterra, norte-africanos para a França, turcos para a Alemanha) e pela mundialização de sistemas financeiros e industriais, com o enfraquecimento de barreiras nacionais – tanto econômicas quanto de informação e cultura. O antagonismo binário entre elite e classe operária foi sacudido por novas formas de organização do trabalho.

A multiplicidade e fragmentação social deram relevo a outras questões além da classe, como identidade, raça e gênero. Ainda não cristalizados em estruturas acadêmicas rígidas, os estudos culturais responderam a essas transformações. Filósofos franceses ganharam ressonância pelas críticas radicais a instituições (de manicômios à imprensa) e pelo questionamento da racionalidade e da lógica cartesianas. Entre os nomes de impacto estão Michel Foucault, Jacques Derrida, Giles Deleuze, Louis Althusser, Jacques Lacan e Roland Barthes, entre outros. A veia política dos estudos culturais, voltada para a democratização da cultura, abriu-se aos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970, como o feminismo e

A proposta dos Estudos Culturais é responder à sociedade contemporânea em vez de se apegar cegamente a modelos tradicionais ultrapassados.

o movimento negro. A rebeldia *punk* virou objeto de estudo, enquanto o feminismo e o anti-racismo converteram-se em linhas teóricas conhecidas hoje como *gender studies* (gênero), *race studies* (raça) e toda uma série de *area studies* (*women studies*, *Brazilian studies* etc.).

Campo aberto. Entre as críticas frequentes aos estudos culturais, estão a de ser apenas modismo; de não ter rigor suficiente em relação às disciplinas tradicionais; e de abordar temas fúteis e irrelevantes. É certo que muitas teses de estudos culturais foram dedicadas a temas inócuos, irrelevantes ou específicos demais (exemplo hipotético: o significado de rótulos de *ketchup* para adolescentes de New Jersey), mas o mesmo argumento pode ser feito sobre trabalhos em áreas consagradas, tais como história, biologia ou química. Pesquisas medíocres podem ocorrer em qualquer área e não desmerecem ou “contaminam” os trabalhos de valor em seu campo.

A acusação de falta de rigor refere-se à liberdade com que trabalhos de estudos culturais servem do aparato teórico de outras disciplinas. No entanto, a falta de rigor não pode ser creditada exclusivamente à interdisciplinaridade, pois pesquisas tradicionais também podem ser inconsistentes. A diferença é de “autoridade” –

por exemplo, entre um filósofo consagrado em sua disciplina e um historiador da arte que recorre a Nietzsche para analisar a obra de um pintor. O atrito talvez venha da desconfiança em relação a um campo de pesquisa novo, cujo espaço intelectual e concreto dentro das universidades não está consolidado – e que ameaça, à sua maneira, o *status quo* das disciplinas estabelecidas.

A ironia é que as “vítimas” mais prováveis dos estudos culturais sejam talvez os próprios departamentos de estudos culturais. Áreas tradicionais, como literatura, história da arte e filosofia, têm incorporado cada vez mais a abordagem dos estudos culturais, tornando os programas de estu-

dos culturais desnecessários. É raro que um departamento de história da arte norte-americano não ofereça, além do estudo puramente estético ou formal das artes plásticas, cursos com abordagem mais teórica. Talvez isso indique que os estudos culturais tenham se tornado moda. Nesse caso, os críticos estariam certos, e o projeto dos estudos culturais enfrentaria uma crise. Mas talvez a popularização dos estudos culturais seja um sinal de mudança nas disciplinas tradicionais. Nesse caso, os estudos culturais terão cumprido sua missão, ainda que os departamentos desapareçam. Nada mais justo para um campo teórico que, em sua natureza, é essencialmente instável; um campo cuja proposta é responder à sociedade contemporânea em vez de se apegar cegamente a modelos tradicionais ultrapassados.

Daniela Sandler

Colunista do *Digestivo Cultural*

E-mail: sand@mail.rochester.edu